



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ROSÂNGELA MACÊDO DE MORAIS

Bullying: uma droga chamada bullying

**CAMPINA GRANDE – PB
2011**

ROSÂNGELA MACÊDO DE MORAIS

Bullying: uma droga chamada bullying

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduada.

Orientadora: Maria Gisélia Silva Fernandes

**CAMPINA GRANDE – PB
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

M827b Morais, Rosângela Macêdo de.
Bullying [manuscrito]: Uma droga chamada bullying. /
Rosângela Macêdo de Morais. – 2011.
26f.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Educação, 2011.
“Orientação: Profa. Dra. Maria Gisélia Silva Fernandes,
Departamento de Pedagogia”.

1.Violência 2.Bullying 3.bullying, escola .
I. Título.

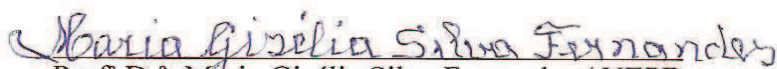
21. ed. CDD 303.6

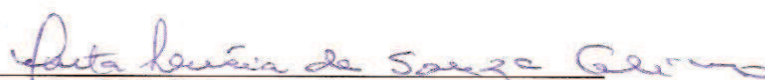
ROSÂNGELA MACÊDO DE MORAIS

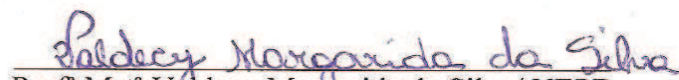
Bullying: uma droga chamada bullying

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduada.

Aprovada em 24/11/2011.


Prof^ª Dr^ª Maria Gisélia Silva Fernandes / UEPB
Orientadora


Prof^ª Mst^ª Marta Lúcia Celino / UEPB
Examinadora


Prof^ª Mst^ª Valdecy Margarida da Silva / UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este artigo à minha irmã e amiga, Patrícia Carla, fonte de inspiração, perseverança e, acima de tudo, exemplo de educadora, amiga, companheira... Família.

Dedico também a todos que de alguma forma contribuíram para o êxito e término deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado a vida e estar sempre comigo;

A minha mãe Santana pelo amor, dedicação, companheirismo durante todo esse tempo;

Aos meus irmãos Patrícia, Jefferson e André pelo incentivo e confiança;

Ao meu esposo Eli, pelo apoio, compreensão e paciência;

A minha filha Elis, pela compreensão da ausência e pelo amor.

A minha mãe – sogra Zulmira que infelizmente Deus levou sem ter me dado à honra de ter compartilhado com ela esse momento que ela tanto esperava;

As minhas cunhadas Nadja, Ilza e Ilzeni pelo estímulo e carinho;

E a minha amiga Priscila Jane pelo apoio e torcida.

EPÍGRAFE

“Albert Einstein dizia que o mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer.” (CALHAU, 2008)

RESUMO

O presente artigo problematiza o conceito de bullying e mostra estratégias que possibilitam a identificação das ações de bullying na escola e fora dela, também discute, a partir de exemplos reais, os danos causados nos envolvidos nesse tipo de drama e coloca à disposição ações exemplares de combate ao bullying tanto no âmbito nacional como internacional. Ações que deram certo em outros países e que podem ser tomadas como exemplo nas práticas educativas educacionais. Esse trabalho visa mostrar a importância da atuação preventiva e posterior, da comunidade e da família, da escola, e especialmente, do educador no combate ao bullying. Para tanto, identifica e caracteriza os personagens envolvidos direta e indiretamente nesse fenômeno, apresenta os diversos tipos de violência que constituem o denominado bullying, bem como as punições aplicadas em caso de omissão ou conivência por parte dos adultos que devem educar e proteger as crianças e adolescentes, de acordo com o estatuto da criança e do adolescente (ECA). Ao longo do estudo, será socializada uma considerável videografia que aborda o tema, como também alguns livros, no intuito de contribuir com a melhoria nas intervenções contra as práticas de violência no âmbito escolar.

Palavras – chave: Bullying. Violência. Escola. Estratégias.

ABSTRAC

The following article will name and show strategies which make noticing bullying actions possible both inside and outside of school, as well as show with real examples the damages inflicted upon those who are involved in this tragedy. It will also show actions that will fight bullying both nationally and internationally. Measures that have worked in different countries and that can be taken as an example in educational practices. It is also a goal of this article to attempt to show the importance of the preventive and posterior actions by the educator, school, community and family to decrease bullying actions. We will identify and characterize the characters involved directly and indirectly in this phenomenon. The article will show the many kinds of violent actions which can be taken as bullying actions, as well as the punishments that should be applied to omissive adults who should be educating and protecting our kids and teenagers, as the Children and Teenager Statute (ECA). We will put forth a considerable videography which deals with the theme, as well as some books which should help in the awareness of violent actions at school.

Words - keys, Bullying. School. Violence, Strategies.

SUMÁRIO

1 NOTA INTRODUTÓRIA.....	9
2 CONTEXTUALIZANDO O CONCEITO DE BULLYING.....	10
3 IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS ENVOLVIDOS NO BULLYING	11
4 BULLYING NUMA PERSPECTIVA DE GÊNERO	14
5 BULLYING TRAZ CONSEQUENCIAS	16
6 COMBATE AO BULLYING: DEVER DA FAMÍLIA E PAPEL DA ESCOLA.....	18
7 ALGUNS FILMES QUE TRATAM DO BULLYING.....	22
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS.....	25

1 NOTA INTRODUTÓRIA

Podemos dizer que bullying é a droga do momento que está tomando espaço de forma silenciosa e assustadora em nossa sociedade, não que a prática já não existisse, na verdade, desde muito tempo o bullying é um tormento na vida de muitas pessoas. A grande diferença é que hoje fontes nos mostram a realidade cruel dos estragos que o bullying causa no presente e no futuro de vítimas e agressores. É um drama que não escolhe classe social, tempo nem espaço, é um problema de ordem mundial.

Vemos essa realidade refletir-se, sobretudo, na escola, lugar onde se reúnem diariamente inúmeras crianças e adolescentes que vivenciam conflitos relacionados à convivência e aceitação do outro.

Diante disso, acreditamos ser imprescindível que nós, educadores, sujeitos que lidam cotidianamente com esse tipo de conflito que permeia, especialmente, o universo infanto-juvenil, possamos estudar de forma mais pontual o fenômeno “bullying” para sabermos intervir e lidar de forma mais adequada com situações de bullying no ambiente escolar. Logo, esse trabalho se justifica como uma forma de conscientizar, principalmente, os que atuam nas escolas sobre a necessidade de reconhecer esse fenômeno e saber identificar os envolvidos no mesmo, com o intuito de prevenir e combater o bullying na escola.

Nessa perspectiva, essa pesquisa documental tem como objetivos discutir o conceito de bullying, identificar e caracterizar os personagens envolvidos direta e indiretamente nesse fenômeno e apresentar os diversos tipos de violência que constituem o denominado bullying, bem como as punições aplicadas em caso de omissão ou conivência por parte dos adultos que devem educar e proteger as crianças e adolescentes, de acordo com o estatuto da criança e do adolescente (ECA).

Para tanto, esse estudo problematizará o conceito de bullying e mostrará estratégias que possibilitam a identificação das ações de bullying na escola e fora dela, além de discutir, a partir de exemplos reais, os danos causados nos envolvidos nesse tipo de drama e coloca à disposição ações exemplares de combate ao bullying tanto no âmbito nacional como internacional.

2 CONTEXTUALIZANDO O CONCEITO DE BULLYING

Bullying é uma palavra de origem inglesa e adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob tensão. Esse termo, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre os problemas da violência escolar (FANTE, 2005), conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais.

Numa abordagem etimológica, a palavra bullying “é um verbo derivado do inglês bully, que significa valentão, tirano.” (CHALITA, 2008). A palavra bull, touro em inglês, é adjetivada para bully, valentão, que quando substantivada fica bullying, aquele que pratica a valentia contra outrem.

Não existe uma aceitação universal na adoção do termo bullying, embora sua parcialidade seja expressiva. Na Noruega e na Dinamarca adotam-se o termo *mobbning*; na França, denomina-se *barcèlement quotidién*; na Itália, de *prepotenza* ou *bullismo*, no Japão, é conhecido como *yjime*; na Alemanha, como *agressionen unter shuler*; na Espanha, como *acoso y amenaza entre escolares* ou *intimidación*, em Portugal, como *maus tratos entre pares*. Esses termos com significados e conotações diferentes. (FANTE, 2005).

Nos Estados Unidos, é conhecido também como *harassment*. No Brasil, adotamos o termo que é empregado na maioria dos países: *bullying*.

Neste trabalho iremos caracterizar, especificamente, o bullying em sala de aula, à luz das pesquisas do professor Dan Olweus, que segundo a educadora Cleo Fante (2005), apresenta a sala de aula como um lugar propício à existência de diversos tipos de conflitos e tensões.

A partir dos resultados das pesquisas de Dan Olweus, foram estudadas medidas a serem tomadas pelos pais e também foram estudados programas de prevenção e combate ao bullying no ambiente escolar.

Esses programas foram bem sucedidos em diversos países. No Brasil, um projeto pioneiro de prevenção e combate ao bullying nas escolas foi o “Programa Educar para Paz”, idealizado pela pesquisadora Cleo Fante.

3 IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS ENVOLVIDOS NO BULLYING

Segundo a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência), o termo bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotada por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

A ABRAPIA afirma que por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações de bullying possíveis podemos fazer uma sinonímia para relacionar algumas ações nas quais o bullying pode estar presente, como: agredir, fazer sofrer, zoar, colocar apelidos, humilhar, ofender, discriminar, perseguir, aterrorizar, amedrontar, tyranizar, excluir, isolar, ignorar, assediar, dominar, bater, chutar, roubar, ferir, empurrar, intimidar, sacanear, gozar, etc. Porém, não acreditamos que nenhuma terminologia será capaz de definir esse mal que acomete tantas pessoas.

Segundo Melo (2010), os pesquisadores definem ainda os comportamentos bullying em duas formas: direta e indireta, ambas aversivas e prejudiciais ao psiquismo da vítima. O bullying é dito indireto quando o agressor não vai diretamente a sua vítima, ele espalha boatos maldosos ou “simplesmente” exclui a (s) vítima (s). Vale salientar que essa maneira de maltratar pode se mostrar a mais cruel e pode causar danos irreparáveis de cunho psicológico. As brincadeiras de mau gosto como cochichos acrescidos de risadas sarcásticas, bilhetinhos maldosos seguidos de murmurações e olhares insinuosos, troca de mensagem de celular, e-mail são algumas das inúmeras maneiras de prática de bullying indireto. O bullying direto se dá por ataques físicos (tomar pertences, bater, chutar, etc.) e verbais (constranger, insultar, apelidar de forma pejorativa, etc.).

Ao direcionarmos nosso olhar para o contexto escolar, perceberemos que essas ações se fazem presentes, desde cedo. De acordo com Middleton-Moz e Zawadski (2007, p.152):

Muito cedo, as crianças são classificadas em subgrupos ou panelinhas, nas escolas e nos bairros, seguindo aparência, interesses ou comportamentos: os populares, os atletas, os cabeças, os esquisitos, os estranhos, os CDFs, os retardados, os rejeitados, os bichinhas, os ninguém.

Segundo a Associação de Mulheres contra a Violência (AMCV), existem muitos tipos de bullying, são eles: Verbal (chamar nomes, ser sarcástico, lançar calúnias ou gozar com alguma característica particular do outro), físico (puxar, ponta pear, bater, beliscar ou outro tipo de violência física), emocional (excluir, atormentar, ameaçar, manipular, amedrontar, chantagear, ridicularizar, ignorar), racista (toda a ofensa que resulte da cor da pele, de diferenças culturais, étnicas ou religiosas), cyberbullying (utilizar tecnologias de informação e comunicação (internet ou tele móvel) para hostilizar, deliberada e repetidamente, uma pessoa, com o intuito de magoá-la).

Os envolvidos nessas práticas são denominados de vítima, agressor e espectador. Vale apenas salientar que esses envolvidos independem de gênero. Encontramos vítimas e agressores tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino.

A vítima ainda pode ser vítima típica, vítima provocadora e vítima agressora. A vítima típica é geralmente aquela pessoa retraída, tímida, que tem dificuldade de se socializar como as outras pessoas de características sensíveis, baixa auto-estima, ansioso, submisso, inseguro, depressivo, que apresente alguma dificuldade de aprendizado, de aspecto físico frágil e que não se mostra capaz de reagir. A vítima provocadora geralmente não chama atenção só do agressor, pois é hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora. Essa vítima busca reações agressivas para si, contudo não sabe se proteger, com efeito. E a vítima agressora é aquela que sofreu maus tratos e repassa para outrem. A vítima agressora pode refletir agressões sofridas na própria casa. Na escola procura alguém mais frágil que ele e transforma-o em vítima como ele mesmo foi.

O agressor denominado bullie é aquele que agride os para ele mais fracos. Geralmente um sujeito de pouca empatia; em muitos casos de família desestruturada com pouco ou nenhum acompanhamento; pode estar tentando chamar a atenção das pessoas na qual ele sente desprezo. É agressivo, pode apresentar-se mais forte fisicamente, não aceita regras, pois faz as próprias, se sobressai nos esportes, nas brincadeiras e nas brigas; é intolerante, malvado, duro; sente a necessidade de mandar, dominar, subjugar, menosprezar, humilhar, descaracterizar, desvaler. Adota comportamentos anti-sociais, compreendendo roubo, arruaça e uso de álcool e até drogas ditas mais pesadas. Á priori pode até apresentar bons resultados na escola, mas geralmente esses resultados caem com o passar do tempo, como afirma Melo (2007, p.36), “Seu rendimento nas séries iniciais, pode ser normal ou estar acima da média; nas demais séries, em geral ainda que não necessariamente, obtém notas baixas e desenvolve atitudes negativas para com a escola.”.

Para Silva (2010, p.45,51), os espectadores não costumam ter um comportamento tão marcante. A identificação deles depende de observação mais freqüente e cuidadosa, pois seu comportamento não costuma apresentar sinais explícitos que denunciem a situação que estão vivendo. Os espectadores são aqueles alunos que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso: não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores.

Podemos dividir os espectadores em três grupos distintos:

- Espectadores passivos em geral assumem essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima. Eles não concordam e até repelem as atitudes dos bullies. Neste grupo encontram-se aqueles que, ao presenciarem cenas de violência que trazem embaraços aos colegas, estão propensos a sofrer as conseqüências psíquicas.
- Espectadores ativos estão inclusos nesse grupo os alunos que, apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam “apoio moral” aos agressores, com risadas e palavras de incentivo. É importante ressaltar que misturados aos espectadores podemos encontrar os verdadeiros articuladores dos ataques, perfeitamente “camuflados” de bons moços.
- Espectadores neutros dentre eles, podemos perceber os alunos que, por uma questão sociocultural, não demonstram sensibilidade pelas situações de bullying que presenciam. Eles são acometidos por uma “anestesia emocional”, em função do próprio contexto social no qual estão inseridos.

4 BULLYING NUMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

A professora norte-americana Raquel Simmons formada em Vassar College em Ciências políticas e estudos femininos, iniciou sua pesquisa sobre bullying feminino e psicologia das meninas na Universidade de Oxford. Dois fatos motivaram sua pesquisa: o fato de ela ter sido vítima de bullying e o fato de a literatura e as pesquisas européias não abordarem a atuação das meninas como vítimas ou agressoras. Segundo ela pais, professores e profissionais que lidam com crianças e adolescentes vão encontrar nessa leitura estratégias para entender e combater o problema. Resultado de um estudo pioneiro de Rachel Simmons, o livro que tem como título: “Garotas fora do jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas”, que faz parte da série pais, tais e profissionais, começou a ser elaborado de maneira informal: a partir de depoimentos de amigas dela. Este livro tem uma tradução no Brasil e editado pela Rocco em 2004.

Rachel Simmons começou sua pesquisa sobre bullying feminino, enviando e-mail para todas as mulheres que conhecia, com perguntas simples como “Você já foi atormentada ou provocada por outra menina? Explique como foi isso. Que influencia isso teve na sua vida até hoje?”. As amigas passaram para outras mulheres e, em 24 horas, o correio eletrônico de Rachel ficou cheio de respostas emocionantes e cheio de detalhes. Isso a estimulou a debater o tema nas escolas, com meninas de 11 a 14 anos, com esse material ela escreveu o livro. Ela também entrevistou cerca de 50 mulheres de fora do círculo escolar.

Segundo Simmons, o bullying praticado pelas meninas é tão danoso quanto o praticado pelos meninos. Ela examina que a revelação de raiva expressas pelas meninas seguem regras e tabus sociais. As meninas são instruídas pela própria sociedade como modelo (regras) a serem dóceis, gentis, meigas, prudente, simpática; porém nas regras não mostra o que fazer na hora em que são desapontadas, parece que isso nunca vai acontecer e se acontecer o sensato é fingir que não são atingidas para não perder a característica ética que monta essas regras a serem seguidas. E essa farsa dá espaço a uma maneira cruel de fazer com que as coisas sejam como elas querem. A agressão feminina abrange mais o psicológico, porém não é menos desumano e maléfico.

As meninas ao contrário dos meninos agem dentro de um “grupo” menor, o grupo de amigas, e isso é muito mais constrangedor e danoso. Em geral elas não usam de palavras ou violências físicas, mas de gestos, humilhações, cochichos, olhares aterrorizantes, levantam falso, sorrisos camuflados e maldosos. Este ano em Campina Grande foi postado na internet (you tube),

dois casos de bullying entre meninas, um caso no colégio Dr Elpídio de Almeida-Prata e outro no colégio Raul Córdula, fora os casos que a mídia, graças a Deus não teve acesso, digo graças a Deus, pois temo que soe como incentivo a propagação na mídia. Sei que independente disso os casos de bullying entre meninas vem crescendo assustadoramente no Brasil como um todo. E não pensem que isso só acontece na adolescência, na educação infantil vemos muito isso acontecer e em muitos casos vemos as professoras comentarem que é coisa de criança e que não devem intervir para que elas aprendam a se defender.

Em minhas experiências na educação infantil pude constatar que chegamos erroneamente a concordar com esses discursos, o despreparo das educadoras ou a visão ingênua não nos deixa enxergar que apesar de crianças ser apenas crianças elas são contaminadas com esse mal logo cedo, o egocentrismo faz parte do mundo infantil, as disputas também. Percebo que quando uma criança não permite que outra participe de suas brincadeiras ou dividem seus brinquedos e exclui alguma, ou quando usam a expressão “não brinque com fulana se não sou mais sua amiga”. Suas ações podem estar contribuindo para a ocorrência de bullying, e não é brincadeira de criança ou simplesmente uma coisa normal. Podemos estar criando futuros bullies.

Já entre as adolescentes e adultas elas ainda usam mensagens difamatórias em E-mails e celular e como o espaço virtual é ilimitado, o abuso se amplia e vai além dos muros das escolas.

Segundo Cleo Fante (2005), as adequações culturais, familiares e sociais, agregada ao despreparo dos profissionais, estão na raiz do problema.

5 BULLYIN TRAZ CONSEQUENCIAS

O bullying traz conseqüências graves tanto para vítimas, para os agressores e para os espectadores. Na saúde pode causa queda de imunidade e sintomas psicossomáticos diversificados como dor de cabeça, dor de estômago, tontura, náuseas, diarreia, sudorese, enurese, pesadelos, perda ou aumento do apetite, taquicardia, tensão, insônia ou muito sono, febre, dores musculares, etc. É afetado tanto o campo cognitivo como desencadeia também desinteresse pelos estudos, déficit de atenção, aprendizagem e concentração além de faltas, reprovação e ou evasão escolar.

Tanto as vítimas como agressores e espectadores envolvidos em casos de bullying são diretamente afetados e como conseqüência disso sofre, não podemos nos iludir pensando que só as vítimas são acometidas de conseqüências desastrosas, porém nas vítimas as conseqüências são mais danosas, pois não se estrige aos muros da escola, eles levam as feridas para o futuro, deixando os sinais nos seus ambientes familiares, de trabalho e círculos de convivência.

Nem todas as vítimas de bullying são capazes de superar esses traumas, mesmo na fase adulta. Não é fácil. A baixa auto-estima e as lembranças são os maiores fantasmas. Fantasmas esses que interferem até nas futuras relações inclusive na criação dos filhos.

Na maioria das vezes as vítimas por continuarem caladas e reprimidas, mesmo depois da vitimação, tornam difícil de perceber os danos causados, a não ser quando o sentimento de vingança aflora e se torna uma psicose na visão da vitima o único meio de curar suas feridas. Buscando conforto e a esperança, maquinando como se vingar, às vezes não só dos agressores, mas dos espectadores, que viam tudo e se acovardavam diante de tanta maldade, temendo ser a próxima vítima.

Foi o que aconteceu com os colegas Eric Harris e Dylan Klebold, no dia 20 de abril de 1999, em Denver, estado do Colorado, Estados Unidos. Eric e Dylan chegaram a Columbine High School, pouco mais do meio dia. Começaram a atirar no refeitório onde acertou um professor, depois saíram pelos corredores espalhando terror. Carregados de armas automáticas e bombas de fabricação caseiras, procurando e matando suas vítimas de maneira fria e covarde. Foram 12 vítimas fatais. Logo depois, eles apontaram para as próprias cabeças se suicidando. Eric tinha 17 anos e era filho de um militar da reserva. Seu pai mantinha um site na internet que ensinava a fazer bombas caseiras. Dylan tinha 18 anos, participava com Eric, de um grupo

chamado “The trench coat máfia”, ou “A máfia do casaco”. Junto com mais 20 pessoas faziam apologia ao satanismo, ao racismo as armas e aos jogos violentos. Poderíamos dizer que se tratava de vítimas provocadoras. Eles eram motivos de gozações e humilhações na escola.

De acordo com (Camargo, 2009), o que mais chama a atenção é que a maioria das vítimas de Eric e Dylan eram pessoas que marginalizavam e agrediam eles com apelidos pejorativos e discriminatórios durante anos de suas vidas.

Segundo a professora Cleo Fante, não há motivação reativa imediata que leve uma pessoa a cometer os massacres, brigas, discussões ou desentendimento. Ao contrário o que percebemos é que há frieza no planejado e na execução das catástrofes e no desfecho suicida. Tudo é previamente pensado. A rejeição e a exclusão eram seus motivos e a forma como eles eram rejeitados e excluídos.

Isso não quer dizer que não possa haver superação desses traumas. Em Curitiba, um aluno de 15 anos, matriculado no 2º ano do ensino médio, disse que para superar o bullying teve que mudar a aparência. Ele era magro, baixo e usava óculos. O estudante disse que por quatro anos foi vítima de bullying, afirmou que tudo começou com apelidos pejorativos até a exclusão por parte dos colegas. Ele mudou de escola e de aparência. “Ninguém sentava perto de mim, não seguia fazer amigos. Uma vez fui impedido de entrar na sala de aula.”, Disse o estudante. Ele teve vontade de revidar, como fez o estudante australiano Casey Heyner, de 15 anos que bateu no colega Richard Bale, de 13 anos que vivia lhe perturbando, mas não fez. “Ficava recuado, mas sabia que uma agressão não resolvia o problema. Além do mais, para mim não seria o suficiente, ele teria de se conscientizar.” O estudante disse que só contou o problema aos pais, quando levou um tapa dentro da van escolar, após discutir com um colega. “No início o sentimento era de que uma brincadeira, que iria passar, mas depois veio o medo.” Falou o estudante.

Para superar o problema e ser respeitado, o aluno começou a nadar para criar massa muscular, abandonou os óculos e mudou o estilo. “Percebi que não poderia continuar do mesmo jeito, estava mal falado. Reclamei na direção, mais não tive retorno”. Atualmente o jovem estuda em outra escola e diz que não é mais vítima de bullying, mas toda vez que presencia algum caso de bullying, aconselha a pessoa a denunciar.

6 COMBATE AO BULLYING: DEVER DA FAMÍLIA E PAPEL DA ESCOLA

Vivemos em uma sociedade, na qual a realidade se mostra fria e isolada. Os pais não têm tempo de acompanhar o desenvolvimento de seus filhos, muitas vezes pela necessidade de deixar seus filhos com outrem para trabalhar. A própria realidade não deixa muita opção. Então, passam despercebidas coisas pequenas como uma dor de cabeça alertando que é hora de procurar um oftalmologista, e coisas grandes como o filho sendo vítima ou agressor em casos de bullying.

Às vezes as vítimas pedem socorro de “n” maneiras, com um olhar aterrorizante, uma roupa amarrotada quando chega da escola, demonstrando traços de tristeza, depressão e isolamento, trazendo materiais escolares danificados.

Precisamos conhecer nossos filhos. É muito triste saber que muitos pais não conhecem nem têm curiosidade de conhecer seus próprios filhos. Para Chalita (2008, p. 168), os laços que a família proporciona fazem nascer à superação, pois

do amor nasce à relação de confiança, cumplicidade e responsabilidade com a vida do outro. Sentimento que sustenta a teia de relações e gera reflexos positivos em todos os demais segmentos sociais. As interações amorosas existentes na família não são apenas um processo natural; apesar de ser parte da essência humana, necessitam ser aprendidas pela vivência e pelo exercício diário para que se tornem elementos do cotidiano, para que se transformem em instrumentos da teia social.

Temos, enquanto pais, a obrigação de ter tempo de olhar nos olhos de nossos filhos todos os dias, e saber ler as expressões faciais e passar confiança e amor para os mesmos. Precisamos aprender a ouvir, ter tempo de saber como foi seu dia, o que de novo e bom aconteceu, se algo o incomoda. Criar o hábito da conversa diária. Nós encontramos tempo e paciência, muitas vezes, para ouvir um amigo, mas não temos tempo nem paciência para ouvir nossos próprios filhos.

A importância do diálogo e da comunicação vem muito bem retratada por Costantini (2004, p. 179) quando ressalta:

As formas de facilitação do diálogo são sem dúvida importante, ajudam a incrementar a relação, a ter consciência das próprias emoções e dos próprios sentimentos e é difícil pensar que, sem elas, o diálogo possa ser verdadeiramente construtivo e educativo.

Os educadores precisam estar atentos as relações que se estabelecem no interior da escola entre estudantes e seus pares e entre estudantes e professores, precisam construir com os alunos uma educação pautada no respeito mútuo, na solidariedade.

Sabemos que é um tanto complicado detectar um caso de bullying dentro da sala de aula, pois as vítimas sofrem caladas, temendo represálias. Com relação ao papel do educador Ruotti, (2007, p.47-48), diz:

Há oito elementos que devem fazer parte da formação de professores para que sintam capacitados a lidar com os conflitos e pensar estratégias de ação para a prevenção da violência na escola. Entre esses elementos estão: a) a necessidade de mostrar aos professores que a violência não é algo “natural”, mas que é uma questão que precisa ser pensada a partir do contexto em que está inserida; b) que a escola pode realmente contribuir para evitar a violência, considerando que a escola prepara os alunos para vida social, [...]; c) os professores devem estar atentos à necessidade de agir de forma ativa e não reativa aos problemas que ocorrem na escola, o que deve ser pensado em um contexto de prevenção e de intervenção precoce da violência; d) respeitar o contexto em que a escola está inserida, pensando um modelo de intervenção que atende a situação particular de uma escola ou de um aluno [...]; e) a necessidade de constante atualização das informações passadas aos professores a respeito da violência escolar; f) a política de formação dos professores deve ser guiada a partir dos resultados de pesquisas confiáveis sobre o tema da violência; g) os pais de alunos devem estar envolvidos nos projetos realizados pela escola, pois as intervenções realizadas em sala de aula não são suficientes para apresentarem resultados positivos, devem também levar em conta o ambiente em que vivem os alunos; h) pelo mesmo motivo apontado anteriormente, deve ser estabelecida uma parceria com a comunidade da qual a escola faz parte dos serviços oferecidos por ela.

O professor como estratégia preventiva precisa trabalhar afetividade e a humanidade dos alunos e alunas, ganhando a confiança dos mesmos, abrindo espaços para debates e conversas informais. No caso de perceber que alguém está sendo vítima de bullying, tentar fazer com que a vítima confie e tenha vontade de se abrir. Nunca deve ser ignorado um sinal de alerta. O professor deve ser a primeira pessoa a identificar o problema.

Ainda em relação ao papel do educador, Costantini (2004, p.70) afirma que:

O adulto no papel do educador tem grande responsabilidade na ação de combater a esse fenômeno. Sua função seria, de um lado, chamar a atenção do agressor com firmeza em relação ao respeito ao outro, desenvolver todas as práticas e estratégias pedagógicas que favorecem a educação voltada para as relações e para os enfrentamentos entre os membros do mesmo grupo-classe

Quanto à escola, a primeira coisa a fazer é admitir que possa haver esse tipo de problema na instituição e depois se preparar para enfrenta-lo. Antes de qualquer coisa, a escola deve adotar medidas de prevenção, trabalhando o respeito, a condição humana e a afetividade e dá exemplo disso com atitudes.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Nº 8.069 de 13/07/90, garante proteção integral a criança e ao adolescente. Vamos encontrar nos artigos 5º, 17º, 232º e 245º

especificidade que garantem proteção e o direito da criança e do adolescente em viver em um ambiente isento de discriminação, violência, crueldade e opressão. Tratam do direito à integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente. Protegem do vexame e do constrangimento. Dispõe ainda sobre a omissão dos responsáveis (5º e 245º) de comunicar às autoridades competentes maus tratos contra a criança e o adolescente. Vejamos os artigos:

Art. 5º Lei 8.069/90 – Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos direitos fundamentais. (BRASIL, 1990).

Art. 17º Lei 8.069/90 – O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideais e crenças, dos espaços e objetos pessoais. (BRASIL, 1990).

Art. 232 Lei 8.069/90 – Submeter à criança ou adolescente sob sua autoridade guarda ou vigilância a vexame ou a constrangimento:

Pena – detenção de seis meses a dois anos (BRASIL, 1990).

Art. 245º Lei 8.069/90 – Deixar o médico, o professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar às autoridades competentes os casos de maus-tratos contra criança ou adolescente (BRASIL, 1990).

Acrescenta-se: pena-multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

O Blog Tribo Fasubra sindical fez uma postagem sobre bullying; panorama mundial no dia 16 de fevereiro de 2009, dizendo:

No dia 24 de fevereiro de 2008, um estudante de 18 anos, em João Pessoa, estado da Paraíba, foi encontrado encapuzado, algemado e com as roupas encharcadas de gasolina. Mais tarde descobriu-se que o rapaz era vítima de bullying na escola, e que forjou o próprio seqüestro para chamar a atenção das autoridades. Na solitária dor da humilhação, esse foi o caminho que encontrou para punir os bullies que o desmoralizaram com o aviltante apelido de Chupeta de Baleia. O jovem alegou que, apesar de vítima, tinha sido sentenciado a medidas sócio educativas no ano de 2007, enquanto que os agressores nada sofreram. A desumanização da vítima, somada à impunidade dos atos perversos praticados, dera fama e prestígio aos agressores. O bullying é uma violência que cresce com a cumplicidade de alguns, com a tolerância de outros e com a omissão de muitos.

No Brasil ainda não existe uma lei específica que ampare vítimas de bullying ou puna agressores, mas isso não quer dizer que os agressores não se encaixem em outras leis, como o Estatuto da Criança e do Adolescente que contemplam a proteção a criança e ao adolescente da ação do bullying ao mesmo tempo em que responsabiliza o adulto que acompanha e se omite pelas conseqüências da violência.

Vivemos em um momento em que a violência faz parte da vida de todos nós, infelizmente. O mundo moderno no qual estamos inseridos tenta nos mostrar que violência é normal, é apenas uma consequência do desenvolvimento e que as pessoas em nome do que pensam ser seus direitos, passam por cima de tudo e de todos, fazem suas próprias leis e o direito legítimo do outro, que é no mínimo o direito ao respeito, vai ficando para trás.

7 ALGUNS FILMES QUE TRATAM DO BULLYING

- **BULLY**, (Nick Stahl - excelente - é o riquinho valentão, que vive abusando fisicamente dos colegas. até que seu melhor amigo - o já falecido Brad Renfro - decide vingar-se dele junto com a namorada, atraindo-o para o pântano e espancando-o até a morte. alguns dos garotos tentam tomar o lugar dele, enquanto a comunidade se divide entre condenar e reconhecer que ele teve o que merecia. o diretor Larry Clark especializou-se em retratar o ócio e a banalidade da violência na juventude americana. um filme chocante);
- **BULLYNG – PROVOCAÇÕES SEMLIMITES**, (Jordi é um adolescente que perdeu seu pai recentemente e que, junto à sua mãe, decide mudar de cidade para começar uma nova vida. Em principio tudo parece bem, mas o destino reservado para ele será uma terrível surpresa já que quando Jordi passa pelo portão da nova escola, cruzará sem saber a tenebrosa fronteira de um novo inferno);
- **CARRIE, A ESTRANHA** (Carrie White (Sissy Spacek) uma jovem que não faz amigos em virtude de morar em quase total isolamento com Margareth (Piper Laurie), sua mãe e uma pregadora religiosa que se torna cada vez mais ensandecida. Carrie foi menosprezada pelas colegas, pois ao tomar banho achava que estava morrendo, quando na verdade estava tendo sua primeira menstruação. Uma professora fica espantada pela sua falta de informação e Sue Snell (Amy Irving), uma das alunas que zombaram dela, fica arrependida e pede a Tommy Ross (William Katt), seu namorado e um aluno muito popular, para que convide Carrie para um baile no colégio. Mas Chris Hargenson (Nancy Allen), uma aluna que foi proibida de ir festa, prepara uma terrível armadilha que deixa Carrie ridicularizada em público. Mas ninguém imagina os poderes paranormais que a jovem possui e muito menos de sua capacidade vingança quando está repleta de ódio;
- **CUIDADO COM O MEU GUARDA-COSTAS** (clássico do bullying de 1980, numa visão bem americana. garoto pacífico se vê em dificuldades para adaptar-se à nova escola, onde um valentão -- Matt Dillon - costuma extorquir os colegas por dinheiro. para defender-se, ele contrata um grandalhão desajustado, de quem até os professores tem medo, mas logo a relação dos dois se desenvolve em amizade);
- **DEIXE ELA ENTRAR** (num subúrbio de Estocolmo, um garoto frágil de 12 anos é constantemente abusado pelos colegas e sonha com uma vingança. quando ele conhece sua vizinha, uma vampira que aparenta ter a sua idade, com quem irá envolver-se e que vai defendê-la dos ataques. ótimo terror sueco, com uma visão original);
- **ELEFANTE** (ganhador da Palma de Ouro em Cannes, o filme Gus Van Sant choca pela sua secura. o filme narra o ataque que dois estudantes fizeram a uma escola secundária do Oregon, matando dezenas de alunos, com um arsenal de armas automáticas. a questão do bullying é tratada como um detalhe pequeno, mas está lá. concentra-se no ato final, de vingança fria e desapaixonada. o título refere-se à facilidade de ignorar um 'elefante'

simbólico na sala, apesar do seu tamanho, mas que está sempre prestes a se mover. obra-prima);

- **EVIL, RAÍZES DO MAL** (um rapaz atormentado de 16 anos, tratado com violência pelo padrasto, também trata seus colegas de escola com violência e acaba expulso da escola pública. é mandado a uma prestigiada escola privada, onde sabe que terá uma última oportunidade de regeneração. lá chegando tem que se confrontar com os códigos e humilhações dos estudantes veteranos, arriscando sua expulsão ou submetendo-se. um olhar diferente, neste filme sueco, que chegou a ser indicado ao Oscar de filme estrangeiro em 2004) ;
- **KLASS** (numa escola da Estônia, um garoto nerd de 16 anos é perseguido por um grupo de valentões, sob a complacência da classe. um segundo outro aluno acaba se envolvendo, vendo-se obrigado a defendê-lo. talvez por ser uma sociedade tão diferente da nossa, onde a violência é invisível, as reações dos adolescentes parecem excessivas, que vão num crescendo até o final trágico);
- **MENINAS MALVADAS** (Cady Heron - Lindsay Lohan é uma garota que cresceu na África e sempre estudou em casa, nunca tendo ido a uma escola. Após retornar aos Estados Unidos com seus pais, ela se prepara para iniciar sua vida de estudante, se matriculando em uma escola pública. Logo Cady percebe como a língua venenosa de suas novas colegas pode prejudicar sua vida e, para piorar ainda mais sua situação, Cady se apaixona pelo garoto errado);
- **MEU NOME É DRILLBIT TAYLOR** (três garotos, começando no colegial, são perseguidos, logo no primeiro dia, pelo valentão da escola. juntos eles decidem contratar um guarda-costas profissional - Owen Wilson. mas ele é um trapalhão que os coloca em maiores confusões e ainda e tenta enganá-los com os treinamentos mais esdrúxulos. uma bobagem boa para passar o tempo);
- **TE PEGO LÁ FORA** (outro clássico dos anos 80, com o pior pesadelo dos estudantes. Um colegial simpático e tranqüilo vai entrevistar um novo aluno para o jornal do colégio. acontece que o cara é um brutamente psicopata, que não suporta ser tocado e é exatamente o que ele faz. desafiado para uma luta logo após a aula, no estacionamento, a vítima tentará de tudo para evitar sua 'execução' com hora marcada. bobo e divertido.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo, tivemos a oportunidade de refletir sobre a realidade de que a família e a escola, ambientes nos quais não deveriam ocorrer casos de bullying, tornaram-se, na verdade, espaços propícios para casos de violência, para a prática de situações que envolvem bullying.

Em se tratando dos educadores, vê-se, ainda, que a maioria encontra-se, muitas vezes de mãos e pés atados para agir frente a situações de bullying, pois em grande parte dos casos são pegos de surpresa, e, principalmente, não estão preparados, não sabem o que fazer diante de tanta violência, que vem acarretando sérias conseqüências no ambiente familiar, e particularmente, na escola, onde vítimas, agressores e espectadores podem ser seriamente comprometidos, chegando a se envolverem em casos extremos como suicídio e homicídio.

Este trabalho nos fez ver a importância de pais e professores estarem unidos nessa marcha da decência, buscando minimizar a violência. Além disso, nos levou a reforçar a necessidade de levar os que atuam na escola, especialmente os educadores, a buscarem cada vez mais informações sobre as características das vítimas e agressores envolvidos em situações de bullying a fim de prevenir e combater esse fenômeno que traz danos de várias ordens a inúmeras crianças, adolescentes e jovens que frequentam as escolas nos diferentes lugares do mundo.

Por fim, destacamos a urgência no comprometimento, não só dos pais como também dos educadores e todos os profissionais que atuam na escola, com o favorecimento da formação cidadã de nossas crianças e adolescentes, no tocante a conscientização acerca do dever de respeitar o próximo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Renato; **UBAS**, Viviane de Oliveira; **RUOTTI**, Carem. Violência: Um guia para pais e professores. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BRASIL Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelecem diretrizes e bases da educação nacional.

Diário Oficial [da] Republica Federativa do Brasil, poder legislativo, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996, p. 27833.

CALHAU, Lélío Braga. Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. Niterói-RJ: Impetus, 2009.

CAMARGO, Carolina Giannoni. Brincadeiras que fazem chorar! Introdução ao fenômeno bullying. São Paulo: All Print, 2009.

CHALITA, Gabriel. Pedagogia da amizade: bullying o sofrimento das vítimas e dos agressores. 3ed. São Paulo: Gente, 2008.

COSTANTINI, ALESSANDRO. Bullying, como combatê-lo? : prevenir e enfrentar a violência entre jovens. São Paulo: Itália Nova, 2004.

CURY, Augusto J. Pais brilhantes professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, São Paulo: Editora Física e Contribuinte Ltda, 1990.

FANTE, Cleo, Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ed. Ver. E ampl. Campinas- SP: Verus, 2005.

FANTE, Cleo; **PEDRA**, José Augusto. Bullying escolar: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MELO, Josevaldo Araújo de, Bullying na escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo / Josevaldo Araújo de Melo. Recife: EDUPE, 2010.

MIDDETON-MOZ, Jane; **ZAWADSKI**, Mary Lee. Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RUOTTI, Carem. Violência na escola: um guia para pais e professores / Carem Ruotti, Renato Alves, Viviane de Oliveira Cubas. – São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

SIMMONS, Raquel. Garotas fora do jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas/ Ana Beatriz Barbosa Silva*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TIBA, Içami. *Quem ama educa!* SP: Gente, 2002.

http://blogsforunspcs.com.br/luissucupira/2009/05/04/bullying_meninas_brigam_na_escola_e_o_video_vai_parar_na_web/ acesso em 27-04-2011

http://coruja.updateodie.com/educacao/2008/09/bullying_contra_meninas/comment_page_/

http://diganaoerotizacaoinfantil.wordpress.com/2009/01/16/bullying_meninas_sofrem_duas_vezes_mais_do_que_meninos/ acesso em 25-05-2011

[http://educa-se.com/bullying/? p. 148](http://educa-se.com/bullying/?p=148) acesso em 28-05-2011

<http://tribofasubra.blogspot.com/2009/02/bullying.html>

nomorebullying.blog.ig.com acesso em 28-05-2011

www.abrapia.org.br acesso em 03-06-2011

www.beatbullying.org acesso em 25-05-11

www.bullying.pro.br acesso em 05-06-2011

www.bullying.com.br acesso em 05-07-2011

www.diganaoabullying.com.br acesso em 05-07-2011

www.observatoriodainfancia.com.br acesso em 05-07-2011

www.safernet.org.br/site acesso em 11-08-2011

www.youtube.com/anabeatrizbsilva acesso em 11-08-2011